

# A FALCOARIA EM PORTUGAL, À LUZ DE PRINCÍPIOS UNIVERSAIS

*Fernando Correia<sup>(1)</sup>, Alan Pereira<sup>(2)</sup>*



## 1. FALCOARIA - CONCEITOS E SIMBOLISMO DE UMA ARTE

A Falcoaria, enquanto arte de caçar à distância, recorre à prestação de aves de rapina diurnas ou de presa, que foram diligentemente ensinadas ou adestradas para o efeito (Figura 1). Na Península Ibérica é também conhecida por “Cetraria”, designação que deriva do vocábulo *accipitraria*, do latim *accipiter*, e que designa um dos grupos de aves accipitriformes (gaviões e açores), que eram utilizadas muito antes de os falcões terem ganho maior protagonismo.

Este tipo particular de caça provavelmente terá as raízes da sua origem implantadas nas vastas, abertas e planas estepes centro-asiáticas (como as da Mongólia, da China e da Turquia), há pelo menos 3500 anos a esta parte (Niesters, 2000). Nestas, as aves de presa adestradas representavam a melhor arma para capturar as aves e os pequenos mamíferos. Sempre alerta, dificilmente se deixariam surpreender num ambiente de horizonte desimpedido (onde a caça por espera e emboscada raramente teria os efeitos desejados). No fundo, era possível ensinar essas aves a caçar, o que caçar e quando caçar, bem como ensiná-las a retornar ao seu “treinador” com quem criavam laços intimistas — foram assim “criadas” as primeiras balas, porventura mais



**Fig. 1** - Falcoeiro (Morley Nelson)

mísseis que balas por serem guiados, orgânicos é certo, mas criteriosamente selectivos, direccionados e eficazes. Acredita-se que esta modalidade se terá disseminado até à Europa e Norte de África a partir deste centro geográfico nevrálgico, aproveitando as rotas comerciais por terra e mar que iam desbravando caminhos por novos territórios, ou mesmo através das invasões com objectivo de apropriação e colonização. Os árabes, um dos seus principais veiculadores, olhavam para estas aves como um símbolo de elevado e nobre estatuto social. As Cruzadas, encimadas pelos cavaleiros cristãos, abriram o canal para esta modalidade chegar ao Ocidente e ser socialmente aceite (Niesters, 2000). Se à componente de reconhecimento da hierarquia social for acrescida a divinatória (como se reconhece, por exemplo, nos cultos egípcios), facilmente se explica o seu enorme sucesso, quer ao longo da dimensão temporal (por tantos séculos), quer espacial (presente em tantos lugares geograficamente distantes). Como refere Crespo (1999), estas prestáveis caçadoras aladas ocuparam desde sempre um lugar de destaque ao lado do Homem. Por outro lado, ainda hoje fazem parte do nosso imaginário colectivo e da cultura imaterial (lendas e superstições contadas ou cantadas), sendo uma constante fonte de inspiração de artistas e escritores de todas as épocas — muitas vezes dando corpo a expressões de erotismo e amor palaciano que transbordam da poesia trovadoresca. “Expressão de beleza, de audácia e velocidade – síntese de todas as virtudes – as aves de presa tornaram-se também um *status* social medieval e um símbolo do poder ostentado na heráldica de todo o mundo ocidental.” (Crespo, 1999).

Se o seguir o voo de uma rapina ensinada, montados num cavalo de puro sangue, era outrora considerado como um dos mais excelsos e exclusivos privilégios da soberana Nobreza, como o atestam inúmeras pinturas ou tapeçarias medievais e renascentistas, torna-se por demais evidente o quanto esta arte se tornou sublime e bem vista — mas igualmente dispendiosa (quer na alimentação das aves em si, quer nos acessórios ou ainda nos recursos humanos para delas cuidarem), socialmente discriminatória e não democrática. Curiosamente, a nobreza optava mais pelas aves de alto voo, pois a carne das presas assim capturada era considerada mais inacessível e de melhor qualidade e portanto mais adequada ao paladar nobre, que a obtida pelo ataque de rapinas de baixo voo, traduzido geralmente na captura de coelhos, mais apropriados para plebeus e sacerdotes. Essa discriminação chegou mesmo a ser redigida em tratados, em que se recomendava os falcões para os nobres, os gaviões para o clero (fêmea para o sacerdote; macho para o diácono), e os açores para o camponês ou burguês de fracas posses (Niesters, 2000).

Ao longo dos tempos e fruto de várias influências, esta

prática deu origem a uma cultura material e a um saber muito próprios, os quais precocemente convergiram para interessantes tratados escritos que constituíam obras religiosamente copiadas e absolutamente obrigatórias. O Sacro Imperador Romano-Germânico e Rei da Germânia, Federico II (1194-1250), erudito monarca e patrono das Ciências e das Artes, escreveu um dos primeiros manuais sobre ornitologia, com especial enfoque na cetraria: *De arte venandi cum avibus* (Da arte de caçar com aves). Mais tarde, mercê de muitas tropelias, estes escritos seriam refeitos e complementados num novo manuscrito escrito pelo seu filho Manfredo, igualmente apaixonado por esta modalidade. Nele praticou-se também a arte da ilustração complementar ao texto, adornando a obra com mais de 500 miniaturas desenhadas (Abeele, 2005). Muito interessante é o facto de que, como refere Niesters (2000), essas miniaturas representarem, com elevado rigor científico, cerca de 80 diferentes espécies de rapinas em várias poses e acções (adoptando a metodologia e a perseguição do rigor que Federico, seu pai, tinha imposto aos seus desenhadores, ou riscadores). Assim, a visualidade desta actividade cinegética acaba por transbordar também para as páginas dos precursores dos livros, primeiro através dos manuscritos e depois por intermédio dos incunábulo (cadernos impressos precursores dos primeiros livros encadernados), procurando perpetuar, nas narrativas escrita e desenhada, toda a emoção da acção e o saber que esta actividade proporcionava. É pois um facto incontestado, como refere Almaça (1997), que a Idade Média foi a idade de ouro da Falcoaria — obviamente e apenas no Velho Mundo, já que esta arte só chegou ao Novo Mundo mercê do processo de descobertas e conquistas e tendo como grandes incentivadores os espanhóis (Bond, 2005) — tendo conseguido manter-se popular até ao séc. XVIII. Dois acontecimentos notáveis — a Revolução Francesa e a Industrial — marcam, contudo, o decrescer da adesão à prática da cetraria (Crespo, 1999; Beebe, 1992).

Mormente os altos e baixos evidenciados por esta arte, a sua evolução e os conhecimentos acumulados ao longo dos séculos foram registados em outras obras, das quais se destaca “*Der wilde Falk ist mein Gesell*” (“O falcão é meu amigo”, 1937), da autoria do alemão Renz Waller e por ele conscienciosamente ilustrada com pinturas e desenhos (mais uma vez, a arte aliada à Falcoaria, e pelos quais recebeu inúmeros prémios artísticos). É considerada uma das mais emblemáticas obras que ainda hoje sustenta a moderna cetraria europeia (Niesters, 2000). A Waller se deve também a “proeza” de, entre 1942-43, ter realizado a primeira criação em cativeiro do falcão-peregrino, tendo com isso demonstrado que essas mesmas aves eram tão capazes de caçar como qualquer outra selvagem previamente subtraída

à Natureza (Niesters, 2000). Só cerca de 20 anos mais tarde, nos anos 60 (Cade et al., 1977), é que surgiram os primeiros resultados com consistência científica obtidos através da reprodução de casais de peneireiro-comum (*Falco tinnunculus*) e de peneireiro-americano (*F. sparverius*). Hoje em dia são já vários os estudos que incidem sobre o comportamento reprodutor das aves de rapina mantidas em cativeiro, alguns deles realizados também em Portugal (na Coudelaria Alter Real e em Vaiamonte, por ex.; Sapage, 2011). Estes acontecimentos e desmistificações acabaram por abrir caminho à democratização desta arte (que é simultaneamente ciência), tornando-a mais acessível a quem a ela se dedique nos dias de hoje, bem como acabam por defender a sustentabilidade das populações selvagens, por não ser mais necessário assaltar os seus ninhos na Natureza para subtrair os seus ovos ou juvenis. A falcoaria adquire estatuto de actividade a preservar e manter, dado o impacto reduzido sobre populações selvagens — conclusão a que se chegou somente nos finais da década de 70 do séc. XX (Fox, 1995).

## 2. AVES NOBRES: DISTINGUIR AS DE ALTO-VOO DAS DE BAIXO-VOO

As aves de presa não necessitam de aprender o acto de caçar em si, uma vez que instintivamente o fazem no meio selvagem, podendo no entanto aprimorar as suas inatas qualidades pela experiência e vivência que adquirem ao longo da sua existência, mercê de um treino direccionado e reflectido. Assim, a cetraria incide particularmente no treino de adaptação, acomodação e aceitação de um parceiro (falcoeiro) pela ave, permitindo a este participar cooperativamente na caçada da última. De facto, é um desafio estimulante aliciar um imponente predador alado, muitas vezes territorialmente aguerrido e solitário, para que se mostre predisposto a aceitar e, até certo ponto, desejar o apoio do falcoeiro no exercício das actividades que na natureza ditam a sua sobrevivência ou não — não pode haver ligação de confiança mais estreita, pois dela depende a sua implícita existência.

Claro que nem todas as rapinas diurnas evidenciam essa predisposição, comportamento ou entendimento e, como esclarece Crespo (1999): “As aves de presa que se utilizam para a caça constituem um grupo reduzido de espécies com características bem definidas, que em linguagem ceteira recebem o nome de aves nobres. Estas espécies pertencem às duas grandes famílias, Accipitridae e Falconidae. Especiais características anatómicas aliadas a um psiquismo generoso ditaram a preferência na utilização deste grupo de aves como auxiliares de caça.” Este autor refere ainda que os principais atributos comuns às aves destes dois grupos

taxonómicos são a natural faculdade para apresar, a voracidade, a agressividade, a valentia e a sua velocidade e força, o que as, distingue das outras rapinas, ditas “ignóbeis”, cujo sucesso na caça é de certa forma mais condicionado — e onde se incluem dezenas de espécies de águias, milhafres, abutres, tartaranhões e peneireiros.

Deste modo, nas aves nobres da cetraria clássica distinguem-se duas grandes linhagens: as aves de “alto-voo” (de altanaria, ou também falcoaria) — geralmente pertencentes ao género *Falco* (pequenos e grandes falcões) — e as aves de “baixo-voo” (ou de punho) — pertencentes ao género *Accipiter* (açores e gaviões), estando subordinado a cada grupo diferentes aplicações práticas na caça, embora com algumas interdições (na cetraria clássica europeia, os gaviões podem ser usados na caça portuguesa, mas não na alemã, por exemplo), tal como salienta Niesters (2000).

De um modo geral, as aves de alto-voo exibem asas em forma de foice e são aerodinamicamente desenhadas para patrulharem espaços abertos e amplos, a altitudes elevadas, picando numa descida vertiginosa sobre a presa (geralmente outras aves, de pequeno porte — como passeriformes, tordos, pombos, rolas ou estorninhos — e aquelas de porte médio a grande — como perdizes, faisões e patos). A captura pode ser feita em pleno voo, se o perseguidor for um Peregrino, ou não, se for o Gerifalte. A morte da presa é infligida à custa das lacerações produzidas pelo seu recurvado e afilado bico. Contrariamente, as aves de baixo-voo matam através do uso das suas fortes garras e exibem asas mais arredondadas e largas, as quais lhes permitem manobrar acrobaticamente o seu voo por forma a evitar todos os obstáculos impostos por ambientes florestados ou de matalgal, durante a perseguição à sua presa (podem capturar aves como pombos ou rolas, ou ainda tordos e estorninhos, em pleno voo ou no solo, mas também lagomorfos — coelhos e lebres — e mesmo alguns carnívoros, como as doninhas). Assim, a escolha da ave a adoptar para a prática da cetraria é condicionada e guiada tendo em conta as suas naturais aptidões, face à potencial presa que o falcoeiro deseje ver caçada, mais do que pela sua beleza peculiar.

Hoje em dia, a lista de aves com rendimento/potencial cinegético para a falcoaria mostra-se mais alargada, num efeito consequente da globalização e das modernas técnicas de criação em cativeiro, facto que é responsável pela inclusão de espécies exóticas, originárias dos continentes americano e africano — muitas das quais, segundo Crespo (1999), não eram conhecidas dos falcoeiros medievais.

Apesar destes laivos de latente modernidade e de, no decurso da evolução da sistemática e taxonomia, muitas das aves pensadas como espécies diferentes, se saber hoje serem apenas subespécies (principalmente da espécie *Falco peregrinus*), com singelas diferenças de fenótipo (como

as formas escura, branca ou intermédia dos gerifaltes), ou mesmo superespécies (como acontece com o alfanque ou falcão-lanário, *Falco biarmicus*, o falcão-de-Laggar, *F. jugger*, o sacre, *F. cherrug*, o gerifalte, *F. rusticolus* e o falcão-mexicano, *F. mexicanus*), é comum, ainda hoje, se manterem as designações medievais adoptadas na linguagem ceteira da época. A título de exemplo, mencionados também por Crespo (1999), e segundo os mais recentes desenvolvimentos taxonómicos e científicos (coligidos na colossal obra “Handbook of the Birds of the World; del Hoyo et al., 1994”), registam-se como os mais comuns para as aves nobres de alto-voo:

**Nebri (*Falco peregrinus spp. peregrinus*):** subespécie cuja distribuição se centra na Eurásia (a sul da Tundra e a norte dos Pirenéus, Balcãs e Himalaias, estendendo-se desde as Ilhas Britânicas ao limite mais oriental da Rússia), e que encabeça a pirâmide da falcoaria europeia, sendo por muitos considerado o “Príncipe” das aves de presa. Com 1-1,5 kg de peso, o macho (terço) é cerca de 15 a 20% menor que a fêmea (prima), caçando o primeiro presas entre os 20 a 300 g e a segunda entre 100-1000 g. O termo “Nebri” é apenas adoptado na Península Ibérica, sendo conotado com uma pretensa escola de falcoaria sedeadada em Nebli (os espanhóis dizem Nebli em vez de Nebri). Contudo, a designação adoptada mundialmente é “Peregrino”, em muito devido às migrações das subespécies europeias, verdadeiras peregrinações (Figura 2);



**Fig. 2 - Falcão peregrino (*Falco peregrinus spp. peregrinus*) AR**

**Bafari (*Falco peregrinus spp. brookei*):** subespécie cuja distribuição se enquadra desde o sul de França e Espanha e norte de África, estendendo-se do Mediterrâneo

ao Cáucaso. É o Peregrino que mais facilmente pode ser visto na Península Ibérica e raramente ultrapassa 1 kg de peso. Pensa-se que a designação é uma corruptela da palavra árabe “bahari”, que alguns autores determinam reflectir a sua proveniência a norte do mar (tendo como referência a costa africana);

**Tagarote (*Falco peregrinus spp. pelegrinoides*):** subespécie cuja distribuição se delimita desde as Ilhas Canárias ao norte de África, estendendo-se ao Iraque e provavelmente Irão. Tido como um falcão africano, de reduzido peso e porte, era visto como o falcão que melhor se adaptaria às exigências e delicadezas das damas nobres, apaixonadas por esta arte. Segundo alguns autores, este nome comum advém do local onde eram capturadas as crias — nas escarpas rochosas da ribeira africana de Tagaros (Figura 3);



**Fig. 3 - Tagarote (*Falco peregrinus spp. pelegrinoides*) AR**

**Gerifalte (*Falco rusticolus*):** é, de todos os falcões, quer os aqui listados, quer todos os restantes integrados no género Falco, o que apresenta maior porte, principalmente a fêmea, que atinge as 2100 g (o macho, ou terço, não vai além das 1321 g). Exibe um polimorfismo acentuado no que respeita à coloração do padrão da plumagem, indo desde fenótipo escuro ao quase branco, pontuado de manchas escuras (fenótipo típico da Gronelândia, para se camuflar com as neves). Eram, na antiga cetraria portuguesa, os mais apreciados pela sua estética (mimados como verdadeiras e ímpares jóias orgânicas), e comumente designados por “letrados”. As suas populações apresentam uma distribuição circumpolar, ocupando as regiões árticas da Eurásia, América do Norte, Gronelândia e Islândia. Caça as suas

presas — aves ou pequenos mamíferos — no chão ou na superfície da água, mais do que em pleno voo;

**Sacre (*Falco cherrug* spp. *cherrug*):** exímio caçador de pequenos mamíferos (roedores e lagomorfos), que detecta nas planícies estepárias, nos sopés ou até nos terraços das montanhas a altitudes superiores aos 4700 m, aventura-se também em ambientes marginais florestados. É hábil o suficiente para caçar aves em pleno voo, se bem que estas constituem uma pequena porção da sua dieta típica. As populações desta subespécie, residentes ou migratórias (migram para o norte de África), encontram-se desde a Europa Central até ao sudoeste da Rússia, junto à cordilheira de Altai. A prima pode atingir os 1,3 kg de peso e o terço raramente vai além das 990 g (Figura 4);



Fig. 4 - Falcão sacre (*Falco cherrug*) AR

**Esmerilhão (*Falco columbarius* spp. *aesalon*):** com uma distribuição centrada na Eurásia, esta subespécie é um dos mais pequenos falcões, já que as primas raramente passam dos 255 g de peso médio e os terços, dos 210 g. É dos poucos que pode estabelecer estratégia de caça cooperativa, quer criando pares com os da sua própria espécie, quer com alguns accipitriformes. Curiosamente, opta por caçar aves com peso inferior a 50 g, em pleno voo e durante a época de nidificação, e aves maiores, morcegos e insectos (como libélulas), no período subsequente, geralmente perseguindo-os a todos através das estepes abertas, ou mesmo através de vegetação rasteira, como mato.

As aves nobres de baixo-voo, ou de punho, por sua vez, adoptam o nome comum típico contemporâneo, sendo as mais comuns na cetraria europeia clássica as seguintes:

**Açor (*Accipiter gentilis* spp. *gentilis*):** é vista como a ave de eleição para este tipo de modalidade, ganhando adeptos pelo facto de iniciar a perseguição à presa a partir do punho enlavadado do falcoeiro (já que tipicamente esta é a estratégia que adopta em estado selvagem, partindo de um lugar empoeirado após detectar a presa), e exibir um comportamento valente e temperamental (Figura 5). As populações desta sub-espécie habitam a Europa e o noroeste de África. Também neste caso, se a fêmea exibe um peso de pouco mais que 1,5 kg, o macho raramente ultrapassa os 1150 g. É a rapina de eleição para caçar nas zonas florestadas (pois atinge a velocidade máxima mesmo voando uma curta distância), preferindo florestas de coníferas, onde captura, quer aves (como perdizes, faisões, pombos e corvídeos), quer outros vertebrados (essencialmente coelhos). A mutabilidade cromática da íris dos seus olhos, com o decorrer da idade, que pode transitar do amarelo dourado para o vermelho quase rubi, levou a que os antigos helénicos a baptizassem com o nome de “αστερια” (asteria = estrela);



Fig. 5 - Açor (*Accipiter gentilis* spp. *gentilis*) M AR

**Gavião-da-europa (*Accipiter nisus* spp. *nisus*):** é uma subespécie migradora, mas que em tempos mais amenos migra da África para a Europa e Ásia Menor, procurando sustento em habitats florestados em mosaico, com predominância de clareiras ou áreas abertas. A Madeira é habitada por uma subespécie diferente, o fura-bardos (*Accipiter nisus* spp. *granti*). Tal como o esmerilhão, é das rapinas mais pequenas (a fêmea não ultrapassa 342 g de peso e o macho pouco mais vai além dos 196 g). Caça exclusivamente aves de pequeno porte (tentilhões e pardais) e médio porte (tordos e estorninhos; não mais que 120 g de peso), que procura surpreender de emboscada, por entre a densa folhagem, a partir do poleiro de vigia.

Como exemplo de aves ignóbeis, mas também de baixo-voo, adoptadas na cetraria europeia contemporânea, são de referir duas:

**Águia-real** (*Aquila chrysaetos* spp. *homeyeri*): muito embora seja um animal emblemático e poderoso, de porte majestoso e ativo, raramente era uma das aves de eleição na cetraria medieval (até porque prefere terraços montanhosos ou as planícies de vegetação reduzida ou ausente), devido ao treino contínuo de que necessita e ao seu comportamento temperamental e imprevisível (pode reagir agressivamente a algum erro do falcoeiro, infligindo-lhe sérios danos). Ocorre com frequência na Europa e apresenta uma agilidade de voo surpreendente para a envergadura e peso (a fêmea pode ultrapassar os 6,6 kg, mas o macho raramente vai para além dos 4,5 kg). Esta espécie é típica da Península Ibérica e noroeste africano, estendendo-se pelo Egipto, Ásia Menor e Arábia, até ao Cáucaso (Figuras 6 e 7). A sua estratégia de caça centra-se em voos rasantes antes de se lançar sobre as incautas vítimas, que preferencialmente serão lagomorfos, pequenos ungulados (veados ou corços), ovelhas e ainda alguns carnívoros de médio porte (gatos, raposas, etc.);



**Fig. 6** - Cabeça Águia Real



**Fig. 7** - Águia-real (*Aquila chrysaetos* spp. *homeyeri*) AR

**Gavião-de-harris/Portugal ou Gavião-asa-de-telha/Brasil** (*Parabuteo unicinctus*): é uma ave cujo nome de-

riva da cor do “ombro” da asa (cor de telha), sendo uma rapina exótica na Europa, típica do continente americano (ocupa áreas desde a ponta meridional dos EUA à América Central e do Sul — Chile, Argentina, Colômbia, Venezuela, Bolívia e Brasil). É uma ave muito popular na cetraria desses países (pela versatilidade, facilidade de treino e pelo facto de caçar presas de porte considerável, como os lagomorfos). Por outro lado, exhibe um comportamento algo raro nas aves de cetraria, já que ao ser potencialmente gregária, é capaz de estabelecer alianças em prol de uma caça estrategicamente cooperativa, com mais do que uma outra congénere.

Convém sublinhar que muitos falcoeiros, adeptos do melhoramento clássico das aves através da hibridação entre espécies (cuja especiação não impeça a obtenção de descendência), procuram reunir numa só ave características mistas que tipifiquem os diferentes progenitores, tal como elucida Niesters (2000). Segundo este autor, são exemplos destas práticas os cruzamentos entre os Gerifaltes e os Peregrinos, entre qualquer um dos dois anteriores e os Sacres ou ainda entre estes e o Borni (ou alfanegue).

### 3. OS PERÍODOS ÁUREOS DA FALCOARIA LUSITANA

“Apesar da documentação portuguesa não deixar entrever a prática da cetraria até princípios do século XIII, pode-se afirmar que os portugueses a exercitaram antes de alcançar a independência total em 1143. Castelhanos, leoneses, navarros, aragoneses e andaluzes eram apaixonados cetreiros: a documentação de todos estes territórios peninsulares não deixa lugar a dúvida.” (Fradejas Rueda, 2007). De facto, como refere Abeele (2005), graças aos inúmeros tratados e manuscritos que surgem durante a Idade Média, a falcoaria sofre um novo e majorado impulso rumo ao sucesso; entre os sécs. XIII e XV, o mesmo autor identificou a existência de 71 manuscritos e 24 tratados temáticos escritos em Português ou em Espanhol/Castelhano (uma profusão de escritos só superados por aqueles escritos em Francês, durante o mesmo período).

Num texto redigido por ocasião da Feira Medieval de Coimbra de 1998, dedicada à Falcoaria, o Arquivo Histórico Municipal de Coimbra (AHMC) e a Falcoaria da Coudearia de Alter do Chão referem que a regulamentação e fiscalização da actividade da caça foi, desde muito cedo, preocupação dos monarcas portugueses, levando-os a instituir os cargos de Caçador-mor e de Monteiro-mor e a elaborar diversos diplomas legais que ditariam as directrizes para a prática da actividade. Referem ainda que a Lei da Almoçataria (1253) é a mais antiga de que se tem registo

com referência à prática da cetraria, estabelecendo medidas para a protecção de falcões e açores, quer impedindo a sua caça, quer o delapidar das parcas posturas nos seus ninhos, durante o período de reprodução.

Muitos falcoeiros foram recrutados para servir D. Fernando I (1367-1383), um fervoroso adepto da falcoaria, que chegou a reunir mais de 300 falcões para seu deleite na prática da modalidade régia. A atestar este gosto e paixão, estão as crónicas de Fernão Lopes, como menciona Flores (2007), onde as incontáveis jornadas de caça de D. Fernando I na região de Santarém foram narradas com aturado detalhe. Também a emblemática obra de Diogo Ferreira (1616) faz jus a este fato. Porém, como o cronista, Fernão Lopes não era especialista na matéria, ajuizadamente D. Fernando I viria depois a solicitar a elaboração de um tratado de cetraria, o *Livro de Falcoaria*, a Pero Menino, um dos seus mestres falcoeiros — a primeira obra temática, de alma lusa.

Estas aves de rapina, além de inegável valor estético e de estima, representavam também valor económico, constituindo assim verdadeiros e particularmente apreciados tesouros orgânicos (ao longo da História, guerras foram evitadas e cessadas graças a ofertas diplomáticas de falcões), merecedores do maior cuidado. Tanto assim era que o receituário dos primeiros escritos veterinários a eles dedicados incluía nas suas mezinhas as caras e muito raras especiarias orientais, como a canela, a noz moscada, o açúcar ou ainda os perfumados incenso e mirra. O tratado de Pero Menino, segundo Fradejas Rueda (2007), encerra em si um receituário para as enfermidades e feridas das aves de caça, com uso destes e outros ingredientes, inovando contudo na originalidade das fórmulas das suas misturas, uma vez que nenhuma das receitas nele redigidas se encontravam em outros tratados prévios. Infelizmente, este tratado de Pero Menino considera-se hoje perdido — “Tem-se conhecimento dele pelas cópias seiscentistas que chegaram até nós e pelas notícias que sobre este livro ficaram em obras de autores seus contemporâneos.” (AHMC e Falcoaria da Coudelaria de Alter, 1998). Entre os poucos tratados medievais de cetraria, escritos em português, o Livro de Falcoaria foi aquele que, pela sua precocidade, originalidade e eficácia, logrou maior credibilidade e disseminação, extravasando as fronteiras portuguesas e sendo acolhido no país vizinho, igualmente adepto entusiástico da modalidade, tendo-se “...convertido en la fuente básica para la terapéutica cetrera en la Península Ibérica” (Fradejas Rueda, 2007).

AHMC e Falcoaria da Coudelaria de Alter (1998), ressaltam que as crises de finais do século XV ofuscaram e negligenciaram a prática da falcoaria, veleidade da Nobreza e Clero, perante os imperativos da construção das arma-

das navais, necessárias à epopeia dos Descobrimentos ou da premência em armar e defender o reino contra o inimigo vizinho — verdadeiros sorvedouros sem fundo dos fundos monetários que se tinham, que se traziam das colónias ultramarinas e ainda daqueles que se pediam emprestados. No século seguinte, a derrota de Alcácer-Quibir (1578), onde D. Sebastião de Portugal foi dado como desaparecido, levou à crise sucessória que permitiu o estabelecimento da Dinastia Filipina em solo luso e à consequente perda da independência nacional (1580-1640). Embora os espanhóis também fossem acérrimos praticantes da cetraria, o certo é que esta arte esmoreceu em toda a Península Ibérica, mercê das inúmeras guerras que grassaram durante essa Dinastia (desde os antigos conflitos do império espanhol à Guerra dos Oitenta Anos com França, Inglaterra e Holanda) e que, obviamente, arrastaram Portugal para problemas que originalmente não eram os seus. Não obstante, surge uma lufada de ar fresco com a autorização para publicação pela Santa Inquisição, em 1616, da magnífica obra *Arte da Caça de Altaneria*, de Diogo Fernandes Ferreira, dirigida ao nobre Dom Francisco de Mello, Marquês de Ferreira e Conde de Tentúgal. Esta obra é, para o reputado especialista espanhol de cetraria medieval Fradejas Rueda (2007), uma autêntica enciclopédia de cetraria, condensando todo o saber desta actividade em seis capítulos ou partes. Este autor destaca as duas primeiras, assumidamente originais, pois Diogo Ferreira não teria tido um modelo onde se inspirar (abordando questões como a descrição das aves, lugares de cria, conselhos sobre alimentação, cuidados, transporte, cria, treino e utensílios necessários à modalidade); o mesmo aconteceu com a quinta e sexta partes, pois nenhum outro tratado ibero-romano dedicado à cetraria aborda as armadilhas para capturar as aves. Assim, a *Arte da Caça de Altaneria*, obra de cunho e autoria lusos, granjeou tamanha e merecida fama que foi traduzida em vários idiomas durante a centúria de seiscentos. Esta e as restantes 7 obras de literatura cetreira, produzidas em língua portuguesa entre meados do séc. XIV e o ano de 1616, acabam por constituir um marco de inegável valor no contexto das obras ibero-romanas de cetraria, tal como reconhece Fradejas Rueda (2007). Infelizmente, os anos que se seguem à recuperação da Independência do Reino não contribuem, de forma significativa, para o estatuto e evolução da cetraria lusa. Com efeito, “Em 1643, D. João IV extingue o cargo de Caçador-mor, pois os esforços com a guerra não permitem gastos supérfluos, passando o cargo a ser superintendido pelos monteiros-mores.”, o que nefastamente acaba por afectar a falcoaria portuguesa, que “...entra em decadência e só ressurgirá na corte de D. João V com o Paço de Salvaterra de Magos, a pompa e o cerimonial característico da época barroca e com o recurso ao saber dos falcoeiros holande-

ses e dinamarqueses que o rei contrata, o que demonstra que esta actividade estava esquecida no País.” (AHMC e Falcoaria da Coudelaria de Alter, 1998). Recentemente e a bem da cultura ceteira, o Palácio da Falcoaria Real de Salvaterra de Magos foi reabilitado e inaugurado, em 2009, constituindo assim um imóvel de património secular, capaz de resgatar a memória da falcoaria portuguesa ao esquecimento imposto pelo tempo.

#### **4. O RESSURGIR DA FALCOARIA LUSITANA**

Apesar da multitude de diferentes culturas envolvidas na falcoaria em todos os continentes, resulta curioso que as modificações introduzidas ao longo dos séculos nesta arte tenham sido diminutas e que o exercício da falcoaria poucas alterações tenha sofrido ao longo do último milénio. Actualmente, tirando partido da moderna tecnologia, muitos falcoeiros socorrem-se de diminutos rádio-transmissores presos às aves, para os auxiliar na localização das aves extraviadas. Na realidade, o equipamento necessário à prática da falcoaria é relativamente reduzido, quando comparado a muitas outras actividades, tendo no caparão e na luva de falcoaria os seus símbolos universais. “O caparão é uma pequena capapuça de cabedal que priva a ave da visão, assegurando que esta se conserve calma e imóvel. A luva de falcoaria é confeccionada em bom cabedal, de modo a proteger a mão das garras da ave, possuindo uma manga larga que se prolonga pelo punho até ao antebraço.” (Crespo, 1999).

Portugal não foge à regra, no que toca ao equipamento, mas é na devoção das pessoas que a falcoaria lusa encontra o seu renascer e evolução. De entre os modernos falcoeiros, e em virtude do trabalho meritório realizado na década de 1970 visando a reabilitação desta actividade em Portugal, destaca-se Nuno de Sepúlveda Velloso. Este falcoeiro foi o responsável pelo erigir das bases modernas que serviram de molde e orientação ao trabalho desenvolvido pelos falcoeiros que o sucederam, bem como aos criadores de aves de presa, todos eles de reconhecido valor, quer nacional, quer internacionalmente. De entre eles, há a salientar Carlos Crespo, responsável pela Falcoaria da Coudelaria de Alter do Chão desde 1997 e autor do livro *A Arte da Falcoaria* (1999), bem como Eduardo Cabral, na vertente da reprodução de aves de presa e actualmente responsável pelo Centro Vila Falco (Sobral de Monte Agraço). O natural corolário, formuladas que foram as suas bases e sedimentada a cultura e memória histórica que lhe deu substância e legado, foi o juntar esforços de todos os interessados para se erigir a Associação Portuguesa de Falcoaria, o que veio a acontecer em 1991. Esta associação é membro oficial da

*International Association for Falconry and Conservation of Birds of Prey* (T.A.F.), que agrega 70 associações distribuídas por 50 países aderentes e com tradição na cetraria.

Se bem que vários esforços têm sido dirigidos por forma a cimentar o ressurgimento desta actividade em Portugal, observam-se vários factores que dificultam esse labor, para além daqueles imputáveis à criação, manutenção e ensino das rapinas em cativeiro. Na realidade, esses factores limitantes e/ou motivadores para com os adeptos da modalidade, estão intimamente vinculados às presas, ora directamente (a maior ou menor abundância e/ou diversidade de presas), ora indirectamente (a própria fisiografia/topografia do terreno e o tipo de coberto vegetal que o recobre). Flores (2007), observou que o maior obstáculo recai sobre a escassez das presas que são alvo de caça, e esta limitação agudiza-se ainda mais na modalidade de alto-voo, coadjuvada ou não por cães. Este autor salienta ainda que o Alentejo, pelas suas amplas planícies, é a região do País mais propícia ao alto-voo, enquanto o resto do País é mais adequado ao baixo-voo, dadas as variações fisiográficas e a densidade florestal. A estas observações, é importante acrescentar outras relacionadas com a biologia da reprodução e com a ecologia das aves (rapinas e/ou presas), já que, como refere Costa (2003), “o Alentejo é local de entrada, passagem e/ou estadia obrigatória para muitas aves migradoras em direcção à Europa”. Neste enquadramento, é normal que se observe esta região geográfica como aquela que melhores condições reúne para a prática da falcoaria, não sendo de estranhar que a maior demografia de falcoeiros se concentre entre o sul da região Centro e o norte da região do Algarve.

#### **5. A FALCOARIA E A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA**

Se bem que uma primeira e superficial análise à prática desta arte possa induzir à percepção errada que esta em nada contribui para a defesa e/ou conservação da natureza no seu estado mais selvagem, a realidade é, na verdade, oposta. Como Fox (2005) e Ritcher (2005) sintetizam, são vários os aspectos positivos e benéficos associados a esta prática ancestral, os quais são aqui desenvolvidos e actualizados:

- as primeiras leis de protecção das aves foram elaboradas por falcoeiros, pelo que estes agentes desempenharam um papel decisivo ao nível da conservação de alguns grupos de avifauna (rapinas diurnas);
- os falcoeiros foram pioneiros na investigação de técnicas de reprodução em cativeiro e na concomitante

elaboração de protocolos, reproduzíveis em diferentes situações ambientais/geográficas, o que dotou os investigadores com ferramentas eficazes capazes de contribuir para o aumento da taxa de sucesso e sobrevivência de cerca de 50 espécies de aves de rapina (os grupos em cativeiro representam *gene pools* acessíveis para diversas práticas, estudos de etologia, modelos para estudos populacionais e da ecologia/biologia da espécie, etc.), inclusive re-povoamentos ou re-introduções, como sucedeu com as populações de falcão-peregrino nos E.U.A., com o estatuto de muito ameaçadas na década de 70 e recuperadas em 1999 (The Peregrine Fund, 2010), ou ainda com o caso do Projecto Life-Natureza, para recuperação da população do Peneireiro-das-torres (*Falco tinnunculus*) em Portugal, iniciado em 2002 pela Liga para a Protecção da Natureza (LPN, 2011). A título exemplificativo, reportado por Whitney (1995), de referir o trabalho meritório do falcoeiro e criador inglês Peter Whitehead (à época responsável por um centro de cria pioneiro na Arábia Saudita, sob o patrocínio do príncipe Khalid al Faisal), que ajudou a desenvolver, entre 1982 e 1991, muitos dos procedimentos largamente utilizados, na actualidade, no treino e/ou reprodução de aves de rapina em cativeiro. O protocolo desenvolvido por Whitehead envolve o isolamento de ovos provenientes de aves progenitoras seleccionadas, que posteriormente são cuidadosamente incubados com recurso a uma incubadora. Uma vez nascidas, as crias de falcão aceitam o cuidador humano como o progenitor, através do conhecido processo de aprendizagem designado por *imprinting* (cunhagem) e demonstrado pelo etólogo Konrad Lorenz. Esse vínculo deverá ser fortalecido com recurso a diversos rituais miméticos relativos aos progenitores, para além da prestação de cuidados parentais durante as primeiras semanas de vida (as crias destas aves são altriciais). O fenómeno de cunhagem e cimentação de vínculo pode ser tão forte e intimista que, como relata Sapage (2011), uma das fêmeas de falcão-peregrino por ele estudadas desenvolveu e evidenciou um claro imprinting sexual em relação ao tratador, de tal forma que rejeitava as aproximações dos machos da espécie e exibia eminentes sinais de cortejamento (inclinando a cabeça) em direcção ao primeiro, durante a época de acasalamento. Ora esta forma extrema e incorrecta de *imprinting* deve ser a todo o custo evitada por forma a não contribuir para o insucesso reprodutivo das aves em cativeiro;

- os falcoeiros também desenvolveram esforços semelhantes em prol das espécies que constituem o outro extremo da equação que define a cetraria — as presas — sejam elas da avifauna ou da mamofauna, tendo

compreendido desde muito cedo a relação ecológica de predação e a estreita e directa dependência da saúde das populações que caçam, contribuindo para manter e sustentar o delicado equilíbrio dos efectivos populacionais de cada grupo (predadores-presas). Devido a essa consciencialização dos falcoeiros, podemos mesmo considerar que a falcoaria é uma prática de reduzido impacto ambiental e que não interfere na sustentabilidade das populações envolvidas ou dos próprios ecossistemas onde é realizada;

- por fim, mas não menos importante, a democratização da falcoaria trouxe consigo novas responsabilidades para com os intervenientes, bem para além do aspecto mais lúdico-desportivo. De fato, os promotores desta actividade desempenham hoje também um papel activo na complexa matriz social, de cariz essencialmente pedagógico e instrutivo, sobre uma audiência indiferenciada (em termos de instrução), mas com enfoque particular na faixa etária juvenil, aproveitando o fascínio que estas imponentes aves despertam nas camadas mais jovens. Para tal, têm-se desmultiplicado em acções promotoras, a título individual ou associativo, como sejam as exposições públicas (de caça, de voo e adestramento ou mesmo competições), em feiras e certames de caça ou agricultura. Os Centros de Falcoaria têm também contribuído sobremaneira para a consolidação deste objetivo educativo e formativo. Por outro lado, todo este empenho também se repercute positivamente nos órgãos de decisão estatais, o que se traduz num processo de retroacção favorável na consolidação e sustentação desta prática a nível nacional ou europeu. Como referem AHMC e Falcoaria da Coudelaria de Alter (1998): “De Salvaterra de Magos ao Século XX, as práticas cinegéticas mudaram muito. Os caçadores dispõem de armas de tiro de grande precisão e alcance, as aves de rapina são aves em vias de extinção, que as leis e regulamentos de agora tentam proteger sem muita eficácia. A cidade estendeu-se pelo campo, a agricultura ocupou o espaço da floresta. Alteraram-se radicalmente os objectivos que a caça pretendia atingir. Hoje o carácter lúdico desta actividade está bem presente.”

Vale a pena ainda referir que a praticamente cosmopolita falcoaria contemporânea estendeu a sua influência à sociedade em áreas tão díspares como sejam a linguística ou a arte. Tal como se refere em I. A. F. (2010), existem cerca de mil palavras afectas à falcoaria, algumas das quais comuns, adoptadas ou adaptadas a várias línguas (o termo universal “*gentleman*” deriva da terminologia cetraria, referindo-se ao homem, “*men*”, capaz de fazer voar a prima de falcão-peregrino, cujo nome vernacular anglo-

-saxónico é “*falcon gentle*”). Por outro lado, a cetraria tem sido acompanhada paralelamente por uma outra arte — a arte de modelar, da figuração ou da ilustração, suportada pela escultura, pintura e desenho — seguindo um caminho de estreita relação desde que a cetraria é entendida como tal. De facto, nenhuma prática de cariz desportivo tem sido musa de tantos artistas plásticos e escultores, alimentando a estética da Arte — em azulejos, frescos, tapeçaria, telas pintadas, gravuras, ilustrações artísticas e, mais recentemente, ilustrações científicas.

A prática ancestral da falcoaria e os conhecimentos cumulativos que dela se extraíram continuamente ao longo dos séculos, permitiram, também, a sua aplicação pragmática em diversos campos da sociedade actual, criando sinergias inusitadas, discretas e incrivelmente benéficas. De facto, em diversos aeroportos espalhados pelo Mundo (incluindo em Portugal), os voos das companhias aéreas são protegidos por falcoeiros e suas rapinas, que ao voarem espantam as aves que se aventuram no espaço aéreo, prevenindo assim o choque destas contra os reactores das aeronaves — zelando desta forma por incontáveis vidas humanas. A falcoaria é ainda um recurso, de baixo impacto económico e extremamente eficaz, de algumas câmaras municipais portuguesas no controlo das pragas de roedores ou mesmo dos pombos, que pululam nos aterros sanitários ou em espaços urbanos históricos (onde os seus dejectos contribuem para agravar patologias das pedras dos monumentos).

## 6. FALCOARIA – UM PRESENTE COM HISTÓRIA, MAS TAMBÉM COM FUTURO

Reconhecendo o legado universalista da falcoaria, como reportado pela I. A. F. (2010), a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), colocou esta arte cinegética na Lista Representativa da Herança Cultural Intangível da Humanidade, em cerimónia que teve lugar em Nairobi (Quénia), em 16 de Novembro de 2010. Esta foi a maior nomeação de sempre na história da UNESCO, pois foi submetida por 11 países (Bélgica, República Checa, França, Coreia, Mongólia, Marrocos, Qatar, Arábia Saudita, Espanha, Síria e Emirados Árabes Unidos). “Os oficiais da UNESCO relataram, no decorrer do processo de inscrição, que este foi um excepcional exemplo de cooperação entre nações.” (I. A. F., 2010). Nesta nomeação da UNESCO, perpassa a capacidade dos falcoeiros internacionais em cultivar delicadamente a tolerância, a assertividade e a troca de saberes.

Perante este magnânimo exemplo, entendimento e conjuntura, torna-se legítimo vislumbrar um novo impulso da falcoaria em Portugal e um pouco por todo o Mun-

do, primando pela universalização crescente desta prática, onde se promovem e acentuam os estreitos laços criados entre o Homem e as aves de rapina diurnas que, sendo tão diferentes, aprendem a cooperar e a trabalhar em equipa. O anunciado III Festival Internacional de Falcoaria é disso prenúncio: “No século XIII, Marco Polo, na corte de Kublai Khan (neto de Ghengis Khan), descreveu uma reunião de 10.000 falcoeiros. Para celebrar este grandioso evento, são esperados, desta feita em Abu Dhabi (Emirados Árabes Unidos), 10.000 falcoeiros de todos os quadrantes do Mundo, em Dezembro de 2011.” (I. A. F., 2010).

Na alvorada do século XXI, o esplendor que a falcoaria outrora luzia parece regressar e gradualmente ganha novos contornos, cimentados na continuada triagem de conhecimentos adquiridos pela vivência e experiência, na consciente adaptação à modernidade e nas vibrantes emoções vividas pelos seus praticantes, o que contrasta com a emergente apatia e monotonia que emana de várias facetas da presente vida cidadã, fechada em si mesma. Com a Falcoaria, abre-se a porta para o convívio com o campo e a Natureza, exultam-se emoções decorrentes de actos ancestrais e primitivos, mas naturais, em que a caça é protagonista; em suma, fortalece-se a cada vez mais frágil ligação do Homem à Natureza, ou o crucial respeito pela mesma.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abeele, B. Van den (2005). The medieval roots of Modern Falconry. Falconry: A World Heritage. Symposium supported by the Government of the United Arab Emirates. 12-15th September. Abu Dhabi., pp. 21-22 (pdf document).
- Almaça, C. (1997). Falconers: the first Portuguese naturalists. Archives of Natural Histories, 24, 175-187.
- Arquivo Histórico Municipal de Coimbra e Falcoaria da Coudelaria de Alter do Chão (1998). Exposição Falcoaria, uma Arte Medieval. pp 7.
- Beebe, F. L. (1992). The Complete Falconer. Hancock House Publishers. 334 pp.
- Bond, F. M. (2005). The status of Falconry in North América. Falconry: A World Heritage. Symposium supported by the Government of the United Arab Emirates. 12-15th September. Abu Dhabi., pp. 16-20 (pdf document).
- Cade, T. M., Weaver, J. D., Platt, J. B. & Burnham, W. A. (1977). The Propagation of Large Falcons in Captivity. Raptor Research 11(1/2): 28-48
- Costa, H. (2003). Onde observar aves no sul de Portugal. Assírio & Alvim, Lisboa. 272 pp.
- Crespo, C. (1999). A Arte da Falcoaria. Ed. Inapa. Lisboa. pp 134.
- Flores, F. (2007). Falconry in Portugal, 2007. pp 2
- Fradejas Rueda, J. M. (2007). Aproximación a la literatura cetrera portuguesa. eHumanista 8: 197-226.
- Fox, N. (1995). Understanding the Bird of Prey. Hancock House Publishers. 368 pp.
- Fox, N. (2005). Falconry: A World Heritage. Symposium supported by the Government of the United Arab Emirates. 12-15th September. Abu Dhabi., pp 34.
- del Hoyo, J., Elliot, A. & Sargatal, J. eds. (1994). Handbook of the Birds of the World. Vol. 2. New World Vultures to Guineafowl. Lynx Edicions, Barcelona. 638 pp.
- I. A. F. (International Association for Falconry and Conservation of Birds of Prey), UNESCO Recognizes Falconry, Press release, 16th November 2010. Newsletter, pp 3.

Niesters, H. (2000) El noble arte de la cetrería. In: La Caza (Kurt G. Blüchel). Könemann, Madrid, Spain. Pp. 162-193.

Ritcher, T. (2005). Ethical and scientific aspects concerning animal welfare and falconry. Falconry: A World Heritage Symposium supported by the Government of the United Arab Emirates. 12-15th September. Abu Dhabi., pp. 27-30 (pdf document).

Sapage, M. A. P. (2011). Comportamento reprodutor de rapinas diurnas em cativeiro na Coudelaria Alter Real e em Vaiamonte; Tese de Mestrado, 54 pp.

Whitney, G. (1995). Seeking Enlightenment through an Ancient Sport. The Wall Street Journal. 9th October 1995.

Links consultados (accedidos durante Agosto e Setembro de 2011):

Associação Portuguesa de Falcoaria (2011). <http://www.apfalcoaria.com/>

The Peregrine Fund (2011). <http://www.peregrinefund.org/mission>

Falconry: A World Heritage Symposium Presentation pdf (2011). <http://www.falconryheritage.org/uploads/2353/Abu%20Dhabi%20Presentations.pdf>

LPN (2011). <http://www.lpn.pt/LPNPortal/DesktopModules/ProjectoDetalhes.aspx?ItemId=17&Mid=40&tindex=27&tid=20>

International Association for Falconry and Conservation of Birds of Prey : <http://www.iaf.org>

Seeking Enlightenment Through an Ancient Sport (Glenn Whitney, 2009; The Wall Street Journal): <http://www.thestickingplace.com/film/films/in-the-beginning-was-the-image/falconry/seeking-enlightenment/>

(1) Biólogo e Ilustrador Científico. Departamento de Biologia, Universidade de Aveiro. Campus Santiago. Portugal

(2) Bacharel em Eng<sup>a</sup> de Produção Animal (ex-aluno da ESACB) e Pós-graduado em Higiene e Segurança no Trabalho

